

Da psicanálise em risco de regulamentação

Ricardo Goldenberg

Regulamentai-vos ou... vos regulamentaremos!

Os psicanalistas recebem, ou antes, não deixam de *não* receber, esta injunção que assim lhes chega desde os núcleos de poder da sociedade em que vivem e trabalham. Não que não acusem recibo, acusam. Igual a Dora, quando acreditava que o *imbroglio* familiar em que estava presa não tinha em nada o dedinho dela. Ela padecia apenas, antes em silêncio, agora ruidosamente, as manipulações e armações dos adultos do seu mundo familiar. Como ela, os psicanalistas sujeitos a regulamentação (assim como se diz "sujeito a guincho") não reconhecem, na carta que pretendem devolver ao remetente, a mesma que postaram, ou, melhor, que fizeram o outro postar para eles ("Vou sentar e escrever uma carta para mim", canta Fats Waller). Claro que os deputados evangélicos oportunistas, os médicos interessados em não perder uma fatia do mercado ou os inescrupulosos donos de universidades tem as suas próprias agendas, mas aqui me interessam na sua função de mensageiros de uma notícia que preferimos ignorar.

Que faço? Pretendo ensinar o pai nosso ao vigário? Que analista não sabe disso? É que se nos voltamos para as manifestações públicas realizadas em nome da psicanálise, os colegas parecem ter esquecido, no seu agir comunitário, o que sabem cada um por separado, que quando Pedro fala de Paulo, fala antes de Pedro que de Paulo, e se referem a "essa gente que quer regular-nos" como se eles mesmos não tivessem nada a ver com o estado das coisas de que se queixam. E não me venham com que "analista só existe um de cada vez, como as mulheres", ou que "grupo não é sujeito", porque aqui do que se trata é precisamente da classe (no sentido de colônia) dos psicanalistas: "A comunidade psicanalítica brasileira foi surpreendida...", começa uma matéria que trata do choque da notícia da inauguração do primeiro bacharelado em Psicanálise aprovado pelo MEC.

Tendo lido uma quantidade razoável do que foi publicado em diversos meios por colegas com variados graus de espanto frente a mais esta investida contra a integridade teórica e prática

da "nossa (hoje nem tão) jovem ciência", como a denominava Freud, devo dizer que me lembraram aquele indivíduo dirigindo à noite pela Dutra, que escuta pela rádio: "Atenção aos motoristas trafegando pela Dutra no Km tal, sentido São Paulo, dirijam com extremo cuidado que há um inconsciente trafegando a alta velocidade pela contramão." E o sujeito pensa: "Um só? Há centenas!"

Minha hipótese é que esta aporia kafkiana com a forma da ordem de atravessarmos as portas da lei, que nos cai no colo desta maneira, seria a prova de nosso insucesso em nos comunicarmos com a sociedade civil ("Quem não se comunica se trumpica" —lembrar o Chacrinha). Trocamos aforismos, palavras de ordem, fórmulas esotéricas ou *xiboletes*, mas não sabemos explicar a ninguém que não seja da paróquia o que é psicanálise. E quando nos constrangem a fazê-lo, entregamos, por falta de argumentos, firulas "poéticas", declarações autoritárias a serem aceitas por decreto, ou petições de princípio indemonstráveis. Isso quando não apelamos para o inefável dom do artista ou, pior, para a fé no inconsciente. Aliás, em relação a este último ponto, acredito não poder ser menos oportuna a vinda de um laciano-raíz desde Paris nos anunciar, neste caldeirão sincrético em que fervemos, que a psicanálise não passa de mais um "exercício espiritual" —e isso *segundo lacan* (segundo ele, claro).¹ Outros (ou talvez os mesmos) acreditam ter elucidado o ser da psicanálise apresentando-a como "científica" (seríamos uno com a neurociência² ou tão exatos quanto os matemáticos ou os físicos³), mas, além de falaciosa, como estratégia é pouco eficaz num momento político em que a ciência está desacreditada em favor de concepções medievais do cosmos, e a religião evangélica está no comando da nação.

O modo como nos retorna desde a cultura tal impotência de dizer o que quer e o que pode a psicanálise, é a demanda de regulamentar, isto é, de explicitar as regras do nosso afazer. Demanda que, por sua vez, num gesto típico de qualquer um dos neuróticos que atendemos, rejeitamos como se não nos dissesse respeito.

¹ Allouch Jean. *Es el psicoanálisis un ejercicio espiritual? Respuesta a Michel Foucault.* Buenos Aires: Epel, 2007.

² G. Pommier, em Paris. S. Rodriguez, em Buenos Aires.

³ Os enamorados do matema: há desses em todas as escolas.

Mais, ainda, esta incomunicação, que não é de hoje, revela que tampouco temos conseguido nos mantermos no bom lugar para responder ao mal-estar na civilização (brasileira, na ocasião). Sabemos (sabemos?) que do ponto de vista estratégico, o melhor que um analista tem a fazer é se postar nas coxias ou nos bastidores, não no centro do palco sob os holofotes. Postar-se num lugar marginal nos discursos que compõem o tecido da *res publica*. Marginal, porém, de nenhum modo significa estar *fora* deles, senão numa posição tal que a nossa intervenção seja algo menos inócua que a semente de Onã. Ao invés disso, as coisas que os psicanalistas tem "produzido" (como adoram dizer), cada vez que posam de engajados na arena política, tem-se mostrado antes uma proliferação midiática da pior psicanálise aplicada do tipo "froidexplica".⁴

Digamos de uma vez a palavra: *sintoma*. Este movimento de enquadramento que retorna periodicamente há décadas é um sintoma no sentido próprio do vocábulo, um sintoma nosso (não conheço a situação em outros países). Em tempo, por "sintoma" entendo: a relação emperrada entre os psicanalistas auto-proclamados (todos somos, este é precisamente o problema) e o aparato do Estado. Cobram-nos a submissão às gerais da lei das profissões deste país, o que parece implicar que nos consideram numa situação de exceção que deve terminar. "Acabou a mamata" ou, como disse na TV, durante a campanha de 2018, um dos filhos do atual presidente da república, "Vamos terminar com esta patifaria". Como explicamos que não se trata de uma exceção de privilégio (conotação que passou a ter a palavra *elite*, e que muito tem contribuído a uma indevida promoção da mediocridade como um valor cívico), mas de uma *condição simbólica* que funda e faz possível nosso *métier*, tanto privado quanto público?

Podemos seguir fingindo que não é conosco, mas assim que passar a lei de exercício da profissão psicanalista, querendo ou não, estaremos devendo a taxa de ingresso aos conselhos federal e regionais, controlados pelo Estado ou por quem for (candidatos a controladores não faltam, inclusive entre os próprios analistas). Poderíamos sair pela Paulista portando cartazes de "Incluam-nos fora", mas suspeito que não irá funcionar. Somos uma profissão, que diz não ser uma profissão, e se recusa a mostrar-se submissa às regras que valem para as outras. Os fiscais

⁴ Disseram-me que o intuito, por exemplo, de interpretar nos jornais o complexo de Édipo do presidente da república, ou a sua pulsão anal, ou ainda, a sua angústia de castração (tudo isso foi publicado em diferentes ocasiões) era simplesmente debochar do mandatário. Não é a minha opinião, trata-se, a meu ver, da incompreensão por parte de alguns colegas dos "princípios do poder" da sua ação. Supondo-se, porém, que tenha sido assim como me sugeriram, cumpre perguntar: tal humilhação não constitui propriamente um tiro no próprio pé, perpetrada sobre uma personagem com poder real de atrapalhar a vida dos "especialistas" vindos a achincalhá-lo?

não deixarão barato simplesmente porque lançamos contra eles, qual Salmos, alguma citação do Seminário. Como disse, os psicanalistas tem atendido (quando atendem) esta chamada à ordem de duas maneiras exclusivas: opondo-se a ela ou negando-lhe a existência, desconsiderando o problema, como um assunto *non sequitur*. O problema seria *deles*, pois não se trata de uma questão psicanalítica, disse-me um conhecido chefe-de-escola, quando solicitei a firma de apoio da sua instituição à carta de oposição contra uma das primeiras investidas no Congresso para cooptar a psicanálise, em finais dos anos 1990.

Ser, ou melhor, *estar* psicanalista, nos discursos em que nos deixamos (ou nos fazemos) tomar, consiste em reconhecer ou criar a borda, o limite que define nosso espaço de manobra: um posicionamento *entre* discursos, que nos dará o fundamento para a nossa ação. Este lugar é marginal, em relação a todo e qualquer discurso sobre o qual decidamos operar, mas *na* margem não significa, como bem observa Rinaldo Voltolini, *à* margem.⁵ Não podemos agir senão dentro de um campo tranferencial, que ajudamos a constituir e, nele, será a partir de sua fronteira. A sociedade organizada insiste em nos tirar esse lugar, paradoxalmente, determinando onde devemos ficar, enquadrando-nos.

Estavamos tranquilos, acomodados em nossa invisibilidade, até o momento em que algo chamou a atenção do Olho de Sauron⁶ e ele se voltou para os psicanalistas. Uma vez que fomos vistos, que repararam na nossa inexistência, decidiram fazer-nos existir na marra, para melhor controlar-nos. Enquanto a Receita Federal mirava os psicólogos, médicos, assistentes sociais ou professores, estes, enquanto psicanalistas, podiam circular livremente e agir à vontade, já que não eram vistos como tais detrás das máscaras destas outras mui dignas profissões já bem estabelecidas e padronizadas, em nome das quais pagavam-se os impostos ou respondia-se aos comités de ética. Assim que passarmos a existir, não apenas de fato mas também de direito, como analistas, a margem de manobra para tomar posição frente aos discursos da sociedade será cada vez menor. Nesse sentido, a preocupação com a regulamentação da psicanálise e com sua transformação numa profissão entre outras, é razoável e compreensível. O que resulta difícil de entender é porquê tantos psicanalistas insistem em adotar, dentre todas as políticas possíveis, a

⁵ Voltolini R. "O que é ser lacaniano?" Texto inédito a sair pelo livro *O que é ser lacaniano?*, editado pelos organizadores do Projeto Desleitura. Já no prelo

⁶ Tolkien. *O Senhor dos anéis*. Qualquer edição.

do avestruz: fingir que não estão sendo vistos, só por terem enfiado a cabeça na areia. Estaremos identificados com os pacientes que tratamos?

Não desconheço os interesses espúrios, as motivações políticas e econômicas detrás deste cerco policialesco que se fecha ao nosso redor, mas isso não muda o fato de que, como comunidade, estamos numa posição precária e nada psicanalítica no seio da sociedade que habitamos. *Mas será possível responder psicanaliticamente a uma injunção política?* Não seria isso confundir os papéis, e assim desconhecer onde radica o princípio da potência da nossa ação? O que está em jogo, por sinal, e se trata de um jogo político, é *preservar as condições para o exercício de nossa prática*. Foi este o ponto que levantei em 2018, quando tantos psicanalistas, barricados detrás da "regra de abstinência", justificaram seu direito de ficar em cima do muro num embate político que visava impedir o acesso ao poder pelas urnas de um governo de clara inspiração fascista. Longe de ser uma operação desde as margens, esta atitude absentista pareceu antes descaso e opção por ficar de fora. Há consequências políticas desta abstenção de responder... politicamente a um problema político e, ainda que pareça um contrasenso, o mais "analítico" a fazer numa situação como a de 2018, teria sido uma ação política, uma campanha sistemática visando bloquear a eleição daqueles que teriam condições de, entre outras coisas, inviabilizar o nosso trabalho. Mas, deixemos isso, que já estamos no final do primeiro mandato do governo assim eleito com a anuência, por ação ou por omissão, de tantos colegas. Agora enfrentamos algo análogo só que, desta vez, dentro da nossa seara.

Primeiro bacharelado de psicanálise no Brasil.

Eis que Alexandre Patricio de Almeida e Enzo Cléto Pizzimenti, os organizadores deste volume, dois jovens pós-graduandos em faculdades de psicologia de São Paulo, convidam-me a refletir sobre outra modalidade do mesmo assunto: a derrocada do discurso analítico no Brasil pelo discurso do mestre ou sua variante universitária: o anunciado primeiro bacharelado brasileiro em psicanálise.⁷ O Brasil tem a sua primeira faculdade de psicanálise.

Insistindo em que o livro devia publicar-se ainda este ano, o convite pedia celeridade aos autores nas entregas dos originais fazendo questão de frisar que se trata de uma questão urgente. Confesso ter dificuldade em compreender a urgência, pois em que pesem todas as doudas (e corretas) explicações do porquê a *formação* do psicanalista sob o regime acadêmico não pode acontecer,⁸ precisamos reconhecer que acontece. Existe uma oferta e uma procura, *e não é de hoje*, por "formação psicanalítica" disfarçada de curso de pós-graduação em alguma disciplina estabelecida.

Esta demanda mascarada dos que querem ser analistas dirigida à universidade responde à relativa falência das associações de analistas de responderem psicanaliticamente pela formação dos seus membros. Quero dizer que muitas respondem universitariamente ao pedido de formação e, sendo assim, não é razoável abandoná-las e dirigir-se a uma verdadeira universidade em vez de a uma falsa? Em que pese o simpático lembrete do professor Dunker dirigido a "quem está pensando em prestar o mestrado ou o doutorado: pós-graduação forma professores e pesquisadores, não forma clínicos ou práticos em psicanálise. Se errar essa na entrevista será eliminado na hora",⁹ devemos convir que mais de um lerá isto assim: "Sei... que não se trata de formação analítica, mas mesmo assim é disso que se trata".¹⁰ Ainda uma vez a mensagem invertida chegando ao emissor, neste caso, as "escolinhas de analistas", vindas do receptor, aqui, as universidades.

No primeiro parágrafo tinha escrito, ao referir-me aos meus anfitriões —que me confirmaram estarem em formação como psicanalistas (entendi: extra-universitariamente)—,

⁷ <https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-primeira-graduacao-em-psicanalise-do-brasil>.

⁸ A formação seria universitária, não psicanalítica. Dois discursos diferentes, um produz um professor, o outro, um psicanalista.

⁹ <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2022/01/28/democratizacao-da-psicanalise-e-inclusao-digital-formacao-nao-e-graduacao.amp.htm>

¹⁰ Estou aludindo ao *je sais bien, mais quand même*, fórmula consagrada num famoso artigo de Octave Mannoni de 1969 sobre o desmentido como mecanismo da renegação perversa.

tratar-se de "jovens universitários", mas depois achei isso excessivo, já que o adjetivo não discrimina sem mais os que passam pela universidade para se tornarem profissionais de outra coisa, dos que fazem dela uma carreira, permanecendo ali para sempre. O extra-universitário da formação deles ficando por conta das associações de psicanalistas (*não* disse "psicanalíticas": que uma sociedade de analistas seja ela própria psicanalítica está longe de ser óbvio) que freqüentam para cuidar do famoso "tripé" —tripé este que *todos* (incluindo-se a recém criada e já combatida universidade de psicanálise) invocam como o alfa e o ômega da formação psicanalítica. Enquanto isso, defende-se que a psicanálise não é (não pode ser) uma profissão mas uma "experiência" ou uma "praxis" ou, como ensinam alguns, sem especificar a diferença com a mística e a religião, um *exercício espiritual*.¹¹

Antes de prosseguir, espero que meus anfitriões, a quem agradeço o convite para elaborar estas reflexões, não levem a mal eu estar usando o pouco que me contaram sobre seus percursos para descrever a *figura* dos interlocutores imaginados por este texto que atende a solicitação que me fizeram de um artigo para uma coletânea intitulada *A formação do psicanalista e os princípios de seu poder: limites e possibilidades*. Este título é uma piscadela dirigida aos lacanianos (que certamente reconhecerão "A direção do tratamento e os princípios do seu poder")¹², acrescido de uma ressalva tipicamente acadêmica: "limites e possibilidades".

...então acordamos com o anúncio: "Seja psicanalista em quatro anos e por *internet*". Na minha juventude, teria sido um curso oferecido por correspondência. Do folheto de apresentação:

Quem acredita que estudos sobre Psicanálise interessam apenas a psicólogos ou médicos está enganado. Atualmente, essa área da saúde é interessante para *complementar* a formação de advogados, cineastas, jornalistas, teólogos, pedagogos e outras profissões ligadas à segurança, proteção e assistência social, buscando compreender e contribuir para a resolução de problemas contemporâneos.¹³

Espertinhos: trouxeram Freud para o presente (levaram-no para o futuro, melhor dizendo). Abrimos a minitela a diário, e além de pedir comida e remédios, taxis e putas, nos tornamos psicanalistas. Tudo sem sair de casa: Ô paraíso fóbico! Ora, não estávamos já *todos*

¹¹ O já mencionado livro de Allouch J.

¹² Lacan J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

¹³ <https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-primeira-graduacao-em-psicanalise-do-brasil>

fazendo isso (analisando, supervisionando, cursando...) por conta da pandemia de 2019? Então, o que há de tão espantoso neste bacharelado, ao ponto de a classe dos analistas arrancar os cabelos, bater no peito e clamar aos céus freudianos por misericórdia? Talvez esta concepção da psicanálise como "complemento alimentar da alma"? É com esta representação, precisamente, que os organizadores conseguem visar um público alvo quase infinito. Trata-se de *bussiness*, não de um serviço público para a elevação do espírito. Eles almejam advogados-psicanalistas, professores-psicanalistas (isso já temos, sem eles), teólogos-psicanalistas, artistas-psicanalistas ou até policiais-psicanalistas. Não tenho tanta certeza se Freud teria achado tão ruim assim: *psicanalista superstar*.

Este curso é coordenado por uma *psicóloga*, devidamente complementada, imagino, para quem a psicanálise seria um

método clínico [para] ouvir e analisar o ser humano na busca pelo *autoconhecimento* (sic). Além disso, mais que uma relação clínica individual, a Psicanálise também pode ser realizada em grupo, ou para analisar a sociedade em geral, suas culturas e coletivos. As principais áreas de atuação do psicanalista são: clínica, pesquisa, ensino e assessoria institucional.¹⁴

Esta descrição da psicanálise faz sorrir: inclui desde a academia (pesquisa, ensino) até a terapêutica psíquica, passando pela engenharia social (*coaching* empresarial), com um método de ensino totalmente à distância dividido em aulas teóricas passivas e outras interativas destinadas a passar pela experiência de "ser analisado" (sic) e supervisionado (*idem*), para "pôr seu saber a prova" e "se fazer um bom uso do seu aparelho psíquico":

visto que o psicanalista tem sua formação pautada em *três vertentes: estudo, análise pessoal e supervisão* – o próprio aparelho psíquico do profissional será o seu principal instrumento de trabalho. Portanto, ele também precisa ser analisado para que *se sinta autorizado a analisar o outro*. Assim, o curso inclui em sua grade curricular aulas interativas de supervisão clínica, que dará aos analistas em formação um espaço para colocar seu saber "a prova". Assim, o último ano do curso envolverá alunos com a

¹⁴ *Idem*

experiência de ser analisado e o incentivará a *seguir seu percurso de formação contínua*.¹⁵

Insisto em observar que as três vertentes da "formação": estudo, análise pessoal e supervisão são *as mesmas* oferecidas por *todas* as mui respeitáveis sociedades psicanalíticas "centenárias" que ora voziferam: *heresia!* Não tendo outro argumento para rejeitá-los a não ser "nós chegamos antes de vocês", alguns tarimbados chefes-de-escola reagiram invocando os usos e costumes estabelecidos.¹⁶ Preciso lembrar a estes notáveis, que clamam pelo raio divino abatendo esses jovens empreendedores com topete para inaugurar uma linha de produção de analistas a jato e por atacado, que estão usando o mesmo mote... da TFP?¹⁷ "A formação é oferecida *exclusivamente* pelas sociedades de psicanálise *criadas para este fim há mais de cem anos*."¹⁸ Haveria que cuidar, contudo, para que a reserva de mercado em nome da soberania do já instituído não se transforme em motivo, posto que, se assim fosse, a *única* associação que teria direito a reivindicar tal argumento é a IPA, e o resto estaria (estariamos) fora, incluindo-se aquele que brada: "*Aberração!*"

Aberração...

Aberração por quê? Este curso superior (que é menos de formação que daquilo que ingleses e americanos denominam *training*, treino) seria assim tão anormal, monstruoso, teratológico, *ondejaseviú?* Tá bom, eles entraram no clube privado pela porta de trás e sem pagar o título, seus malandros, pode ser inconveniente, mas não parece assim tão absurdo. Será que estamos frente a uma diferença de natureza, uma degeneração, ou se trata apenas do jogo agressivo das pequenas diferenças? Eu não penso que *Freudlandia* seja assim uma Eldorado, mas ao parecer, tem gente que acha, que considera a psicanálise mercadoria boa o suficiente para investir na sua produção. *Freudian commodities*. Não havendo dono da patente, precisamente pela falta de regulamentação estatal, o cultivo de psicanalistas estaria aberto para qualquer um. Duvido que os médicos e as bancadas evangélicas, antes, e os empresários da educação, agora, dobrem seus joelhos frente a nobreza centenária dos reis *freudlandeses*. A força de lei da tradição retira a autoridade apenas do mito da ancestralidade.

¹⁵ *ibid.*

¹⁶ <https://febrapsi.org/publicacoes/noticias/bacharelado-em-psicanalise-e-aberracao/>

¹⁷ A associação *Tradição, Família e Propriedade*, fundada por Plínio Salgado.

¹⁸ "Bacharelado em psicanálise é Aberração", *op. cit.*

Estou de acordo em que regulamentar a psicanálise para fazê-la entrar no rol das profissões é acabar com ela, já que, ao mesmo tempo que pretendem estabelecer a nossa deontologia e instalar nossos comités de ética, farão da psicanálise mais uma disciplina universitária positiva autônoma, cujo currículo estará entregue à academia, retirando-o das mãos dos próprios psicanalistas já instituídos. A este movimento, contudo, os professores-psicanalistas, já ministrando cursos como parte da formação em ciencias sociais, em psicologia ou em pedagogia muito contribuíram, se não de fato, ao menos de direito: se já estão ensinando psicanálise, então por que não criar uma faculdade específica?

Qualquer psicanalista sabe disso, mas desta vez a polêmica não é entre nós, e não serão argumentos os psicanalíticos. Teremos razão, mas a psicanálise será deles, caso não entendamos que os argumentos e o discurso são *políticos*, dizem respeito ao poder antes que ao saber. Precisamos *explicar* aos deputados e à opinião pública, que a psicanálise será marginal e independente do aparato estatal ou não será, mas como fazer para eles não pensarem que, simplesmente, não queremos passar a bola ou compartilhar o bolo?

Alguns marcos históricos:

1--- Os primeiros movimentos de expropriação vieram dos médicos, em nome da ciência e contra o charlatanismo, os segundos, das igrejas luteranas, que consideravam as teorias de Freud um sacrilégio, além de reivindicar para si, eles, sim, com pesado argumento embasado na tradição, o lugar e a função do confessor e do pastor de almas. Isso na Europa de e em vida do fundador. Freud controlava a sua instituição presidindo um Comité Secreto com os membros diletos da sua banda. Essa história é conhecida. Em 1910 funda a *International Psychoanalytical Association*, baseada em Londres, para ninguém mais contestar a sua autoridade sobre a criatura.

2---Entre meados e finais da década de 1970 foram as filiais brasileiras da IPA que seguraram o rojão contra as tentativas de controle externo do trabalho dos seus membros. Ainda o problema era poder atender os pacientes sem ter que passar pela supervisão de um médico.

3---Na década de 1990, as investidas de regulação de que a psicanálise foi objeto vieram do lado das igrejas neo-pentecostais: os evangélicos.

Chegamos em 2000, quando víamos nas paredes e portas de espaços públicos, e por mala direta a oferta de Formação Psicanalítica oferecida pela Sociedade Psicanalítica

Ortodoxa do Brasil (SPOB), com a promessa de profissionalização ao término do curso. O Projeto de Lei [...] apresentado [...] na Câmara dos Deputados, por um deputado da bancada evangélica [...] buscava regulamentar a Psicanálise como profissão. Esse projeto de lei era apoiado pela SPOB [...], que prometia um título de psicanalista ao término de um curso que podia ser *on-line*, que exigia 10 horas de análise com algum psicanalista e a leitura de apostilas, [e que já formara] centenas de “psicanalistas”. Ao mesmo tempo, estava sendo criado o Conselho de Psicanálise Clínica, da classe de psicanalistas. Nesse mesmo ano de 2000, psicanalistas de Brasília se organizaram e começaram a trabalhar dentro do Congresso Nacional e, mais adiante, outros representantes de instituições psicanalíticas do Brasil se juntaram a este movimento de acompanhamento e lobby em Brasília, dando início ao Movimento Articulação das Entidades Brasileiras.¹⁹

"Eu estava lá, eu vi." Os parlamentares podiam entender que não quisessemos jurar obediência aos evangelhos, e termos uma formação em Cristo, liderada pelas igrejas pentecostais atreladas a uma bancada neo-conservadora, só não entendiam por que nós mesmos tampouco queríamos regulamentar. Não era vantagem para todos que a psicanálise deixasse de ser terra de ninguém, um vale-tudo? Justamente, não.

E por que não?

E aqui faz a sua entrada, revestido de ouropéis, o *Desejo do psicanalista*. Esta instância mística e mítica que há de ser produzida pela "experiência" mesma de fazer análise, que já não seria apenas uma terapêutica entre outras, mas uma sorte de iniciação a um novo estado da alma (há quem fale até de "iluminação",²⁰ para descrever esse momento epifânico do final da própria análise onde surgiria, qual Venus da espuma, o analista do analisante). São mormente os lacanianos que pretendem fazer passar esta descrição do analista, bem parecida com a purificação da alma exigível dos que pretendiam praticar a alquimia, como o argumento contra a regulamentação. Os freudianos são mais pragmáticos: "É não, porque somos nós que conhecemos o protocolo e sabemos aplicá-lo como se deve." Eles não estão lá tão preocupados em alcançar o estado iluminado do praticante enfim tornado psicanalista.

¹⁹ CONTE, Bárbara de Souza (2021) Investidas do discurso religioso na regulamentação da psicanálise. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -12, p. 4, 2021. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2021/12/14/n-12-04/>>.

²⁰ Allouch J. *Outrossexo*. São Paulo: Zagodoni, 2022.

Pérolas que já possuímos:

O Curso livre de Psicanálise EAD e presencial *baseado no tripé* e reconhecido pelo MEC com 2 anos de duração, 100 horas de análise e estágio supervisionado promovido pela -Sociedade Brasileira de Psicanálise Integrativa de São Paulo.

O Instituto Oráculo de Psicanálise. Estudos psicanalíticos em casa: formação, especialização, mestrado e doutorado

A Associação Brasileira de Teologia ABRATE (tendo como fundo uma bandeira brasileira) – curso EAD *com tripé*, mentor Pastor Dr. Ruivaldo que promete que o curso *te impulsionará ao sucesso pessoal e financeiro*

O Método da Psicanálise Cristã do Instituto Dr. Onari.

A Rota do Trauma e biociências na perspectiva cristã.²¹

Outra matéria jornalística, que reage, desta vez com humor, à fundação da "universidade psicanalítica", vem da Febrapsi, descrita assim pelo autor:²² A "Federação Brasileira de Psicanálise" está originada no Movimento Articulação que

une cerca de 24 *entidades* (sic) psicanalíticas de varios matizes teoricos e clinicos que tem como objetivo obstruir projetos de lei no Congresso Nacional que visam à regulamentação da psicanálise como profissão e informar a sociedade da natureza e a especificidade do nosso ofício.

Ele está certo em implicar que a psicanálise seria uma ofício, uma prática, e não deveria ser confundida com uma profissão, regulamentada ou não, mas é um indício do sintoma que comento que o autor do texto, membro efetivo da filial da IPA em Brasília, ou seja, alguém que pode ostentar o título de "psicanalista" avalizado pela instituição fundada pelo próprio Freud, se refira a um movimento que une diversas "entidades psicanalíticas". Entidades, assim com o Exú, são seres crepusculares, neste caso, do mundo psicanalítico. Podemos não crer neles, mas estão ali, impressados entre duas oficialidades: a freudiana e a estatal, marginais entre os marginais. Frente a um inimigo comum, a religião e os empresários da "educação", a IPA aceita pactuar

²¹ As referências são do mesmo artigo da Lacuna.

²² <https://www.sbpsp.org.br/blog/curso-de-graduacao-em-psicanalise-e-possivel/>

uma aliança estratégica com tais "entidades", com esses fantasmas que somos. Na origem mesma do Movimento de Articulação, então, que pode parecer uma aliança dos iguais, existe uma fenda latente, como a Falha de San Andreas: o reconhecimento apenas de fato, mas não de direito pela IPA das centenas de instituições para-freudianas ou, melhor, para-psicanalíticas (o prefixo "para" —do grego "ao lado de"— estaria valendo do ponto de vista da oficial freudiana) que constituem o céu estrelado da psicanálise mundial.

Este simpático artigo acena para uma terceira via (além da científica e da iniciática), que os epígrafes escolhidos pelo autor mostram com clareza: a psicanálise seria uma *arte* e, como tal, *não se pode ensinar*. Os psicanalistas, dignos do nome, teriam algo assim como um dom, tipo a ginga do samba, essa que a falsa baiana não tem. Nesse caso, não se vê bem porquê não poderia haver um SENAC psicanalítico, já que nenhum curso de artes jamais, que eu saiba, formou um artista. A IPA seria como que um "conservatório de escuta".

Os regulamentadores, entretanto, estão mais para "pão, pão; queijo, queijo": tem ali um negócio, que gera circulação de dinheiro, impostos, etc; sindicatos, conselhos, cursos superiores, psicanálise cristã, psicanálise xamânica, SPOB... o articulista percebeu isso bem:

passamos da religião ao mercado (*start up* psicanalítica), é um progresso? Centro Universitário Internacional, Uninter, do Paraná. Um grande grupo econômico associado à educação que pertence a um empresário e político tradicional com fortes vínculos ao atual governo e a políticos daquele estado." *ibid* 500 mil alunos formados (demanda de 2mil alunos: estou considerando me candidatar como professor se me pagarem o suficiente para não ter que atender mais ninguém e poder viver de renda)

Eu tampouco perderia a deixa para esta piada, mas ela me lembrou que uma coisa é um psicanalista e outra, um professor de psicanálise. Esquecemos isso com demasiada frequência. Voltolini, observa, no trabalho a que me referia acima, que a universidade "não tolera [...] em seu seio um saber que não seja disciplinar" e quando acolhe a psicanálise, o faz domesticando-a, transformando-a numa *disciplina* universitária. Como um *corpus* de conhecimento regrado e, sobretudo, acabado, a peste freudiana²³ vira como que o vírus numa vacina: gera anticorpos, mas não mata ninguém e, pior, prevêm a doença. E a universidade só admite *professores de*

²³ Aquele famoso rumor, propalado por Lacan, e adorado pelos lacanianos: "Não sabem que lhes trazemos a peste" —suposto gracejo de Freud a Jung, desembarcando em Ellis Island, para o controle sanitário dos imigrantes e turistas, em 1905— parece ser apócrifo. Mas como a estória é boa!

psicanálise, não psicanalistas. Voltolini defende com bons argumentos a presença de psicanalistas infiltrados nas faculdades, disfarçados de professores de *psicanálise*, que não cedem ao discurso universitário. Diria que se trata dos que conseguem interpretar (em ato, não em palavras) o sintoma da *psicanálise* de que venho falando até aqui. Exemplificar isso é difícil, contudo, já que teríamos que descrever operações discursivas, não o conteúdo das suas aulas ou as suas performances como orientadores de teses.

Outro crítico desta linha de montagem de analistas aprovada pelo MEC nota que ali se concebe a *psicanálise* como uma mercadoria, regida pela oferta e a demanda, ou seja, nada parecido com o sintoma que Lacan queria que a *psicanálise* fosse da sociedade moderna. Preciso esclarecer neste ponto que minha conjectura de toda esta história da regulamentação e da inauguração de universidades de *psicanálise* ser um sintoma *dos psicanalistas* não reconhecido pelos próprios, é diferente da ideia de a *psicanálise*, pela sua possibilidade de interpelar a verdade ignorada dos outros discursos, ser ela mesma um sintoma. Existe uma relação entre ambos (talvez o primeiro seja uma modalidade do segundo), haja vista que da *psicanálise* como sintoma social os próprios analistas tampouco querem inteirar-se, desejosos como parecem estar de serem recebidos de braços abertos pelo *establishment*.²⁴ Quem não quer ser rico e famoso? Infelizmente, porém, quanto mais famoso seja um psicanalista (não entro no mérito do tamanho da conta bancária, não advogo por psicanalistas pobres), tanto mais estreito será o seu espaço de manobra para sustentar o lugar e a função que lhe cabe: quando Tati Bernardi espetou Contardo Calligaris, durante o programa de TV Roda Viva, de melindrar seus pacientes ciumentos por causa de uma declaração pública do psicanalista sobre não ter a menor paciência com enciumados, estava sem querer ilustrando este ponto.

Os cursos livres, as pós-graduações, as especializações temáticas ou genéricas, os estágios de natureza hospitalar, jurídica ou organizacional, onde se tem contato com a *psicanálise* são atividades complementares ou suplementares, bem-vindas na formação de qualquer psicanalista, mas insuficientes para autorizar a prática. [...] Formação decorre de uma relação *artesanal*, indefinidamente continuada, pessoal e direta, envolvendo o tempo próprio de cada candidato, passando pela análise pessoal,

²⁴ Isto desde Freud e com ele incluído (aquela "*splendid isolation*" de que ele falava para Fliess na sua correspondência, parece mais com "já que não querem saber de mim, eu não quero saber de vocês")

supervisão e estudo teórico. Por isso, e *assim como o artista*, é ele mesmo, na sua relação com o inconsciente, sob a transferência vivida no interior de um tratamento, com seu analista e na comunidade na qual ele se forma, que alguém *se autoriza a si mesmo como psicanalista*. Isso é incompatível com um curso de graduação porque este não tem condições e não deve "impor" uma análise pessoal a seus alunos, nem de respeitar o tempo e a lógica própria requerida pela formação. *Formar-se como psicanalista é formar, em si, o desejo de analista*. Isso pode demorar muito mais de quatro anos. Além disso, uma graduação em psicanálise, no Brasil, significaria habilitar seus formandos a praticar a psicanálise, tornando, indiretamente, a psicanálise regulada pelo Estado.²⁵

O último item mencionado é político, e estou de pleno acordo com o autor. Quanto aos outros motivos elencados para rejeitar a empreitada educativa da Uninter, o de questionar o estabelecimento arbitrário do prazo de quatro anos para o treinamento, por exemplo, opta por ignorar que está especificado na apresentação do curso que eles não consideram o treinamento concluído com o diploma de analista, e que incentivam o prolongamento alhures. O que segue repete os mesmos argumentos de todos os outros artigos sobre o assunto: somos como artistas, ou artesãos, escutadores do inconsciente e, como eles, nos "autorizamos a nós mesmos" sob a guia de um gurú-analista, dentro da seita dos iniciados, que nos conduzirá pelo caminho de "formar" ... ei-lo mais uma vez: "o desejo de analista"! Desejo este, invocado por todos e definido por ninguém.

O que persiste sem resposta, no fim das contas, conclui o artigo, é o "problema prático que é [cem anos depois de Freud]: como reconhecer que alguém é um psicanalista?"²⁶ Este é o *assunto* da formação do psicanalista, jamais realmente resolvido pelas instituições, associações ou escolas psicanalíticas, malgrado declarações em contrário. Em todo caso, nosso problema agora é outro: o de como os analistas —que já se reconhecem entre si como tais há tempos— podem responsabilizar-se frente ao resto da sociedade civil —na medida em que deveriam poder responder pela idoneidade dos membros dos seus quadros— pelo exercício de um *metier* sustentado em premissas tão vagas quanto insuficientemente fundamentadas.

²⁵ Op. cit. o blog de Dunker>

²⁶ Idem.

Por fim, na sua coluna semanal no jornal Folha de São Paulo,²⁷ Vera Iaconelli, depois de observar que nem a análise dita "pessoal", nem tampouco o estudo da teoria bastam para formar um analista —o que está muito bem—, é incapaz de explicar aos seus leitores o que sim bastaria. Por falta de algum argumento positivo, é levada ela também a invocar o *deus ex-machina* de plantão: o "desejo-do-analista", que desce dos céus lacanianos para iluminar o até então analisante mutando-o em psicanalista. Na conclusão, entretanto, ela surpreende com esta frase:

Lacan faz a pergunta que não quer calar: *por que raios alguém quereria ser psicanalista?* Ouvir horas a fio o sofrimento alheio sem responder às demandas do sujeito, sem aconselhar, palpitar, elogiar, criticar e ser objeto de amor e ódio imerecidos ou de queixas de excesso ou falta de compaixão, afetos transferidos das relações originais. Quando se tornou tão atraente assim ocupar esse lugar? Ofício que leva décadas para ser bem remunerado e não tem horário para acabar, pois o inconsciente não dorme.

Achei muito oportuno a colunista levantar esta levre, que remete a uma frequente alfinetada de Lacan aos seus seguidores: os principais inimigos da psicanálise são os próprios analistas. O psicanalista, diz, tem *horror* (sic) do seu ato; e a IPA, acrescenta, faria melhor em mudar seu nome para SAMCDA (Sociedade de Ajuda Mútua Contra o Discurso Analítico). Tudo muito bem, tudo muito bom, mas realmente... a sua Escola não se saiu muito melhor como alternativa, ao ponto de o mestre decidir dissolvê-la, num derradeiro gesto senhorial, antes de retirar-se de cena de modo definitivo.

Por outro lado, quando se refere à falta de incentivo de um ofício que leva décadas para ser bem remunerado, Iaconelli deve estar referindo-se aos "analistas selvagens", isto é, aos não reconhecidos pela IPA, já que para quem decide entrar nos quadros do programa de treinamento desta trata-se de um plano de carreira ("É um investimento", disse-me uma amiga, quando decidiu, depois de fazer dez anos de análise "terapêutica" com um didata da SBPSP, fazer mais cinco com o mesmo analista, só que a partir daquele momento valendo como análise "didática").

"Viva a Psicanálise! já que sem Psicanálise, não haveria psicanalistas",²⁸ a velha ironia à Jarry de Lacan nos sabe amarga hoje, enquanto aguardamos a chegada dos futuros bachareis em psicanálise —convocados em nome do auto-conhecimento e do exercício do amor e do bem ao

²⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2022/01/a-psicanalise-em-questao.shtml>

²⁸ Lacan J. "*Kant avec Sade*" in *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.

próximo, aos quais lhes foram prometidos instrumentos para "resolver os problemas contemporâneos dos semelhantes e do resto da sociedade". Como este livro para o qual escrevo não se destina nem a eles nem à Grande Imprensa, como era chamada há não tanto tempo, fica aqui meu convite aos meus parceiros de rota a recolhermos da lixeira esta carta aberta que nos chega da sociedade e que nos interpela enquanto psicanalistas.

São Paulo, abril de 2022